ANAIS DO
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula.*

TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME III

XLV
Coleção da *Revista de História* sob a direção
do Prof. Eurípedes Simões de Paula.

SÃO PAULO — BRASIL
1973.

OS ARQUIVOS NO BRASIL: ATUALIDADE E PERSPECTIVAS (*).

JOSÉ PEDRO ESPOSEL.
Professor de Arquivologia da Universidade Federal Fluminense (Departamento de Documentação do Instituto de Arte e Comunicação Social).

1. — INTRODUÇÃO.

1.1 — *Os arquivos: tema de reconhecida importância.*

Nos simpósios da ANPUH, a mais expressiva oportunidade que se oferece no Brasil para exame e discussão dos problemas relacionados com a História, cabem, a nosso ver, algumas considerações sobre matéria arquivística, eis que são muito estreitas as relações, inclusive de dependência, entre as duas áreas.

Afigura-se-nos, de início, perfeitamente dispensável insistir sobre nações tão divulgadas e assentes que admitem os arquivos como autênticos laboratórios da História, *le grenier de l'Histoire* (1), enfim o campo adequado, por excelência, para se desenvolver o *métier* do historiador e permitir o cumprimento mais amplo das tarefas inerentes à nossa disciplina. Não terá sido por outro motivo que, em todas as reuniões precedentes promovidas pela ANPUH, com maior ou menor ênfase, se tem cogitado do assunto merecendo a questão do levantamento das fontes primárias um tratamento especial e relevante, constituindo um dos ítens do temário.

(*). — Comunicação apresentada na 3.a Sessão de Estudos, Equipe B, no dia 8 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*).

(1). — Braibant (Charles), *Le Grenier de l'Histoire et l'Arsenal de l'Administration.* Paris. Imprimerie Nationale. 1957, 31 p.

1.2. — *O revisionismo histórico: realidade contida.*

Também, em conclaves a que temos assistido nos últimos anos (2), ficou amplamente caracterizado o vigoroso movimento de revisionismo e renovação metodológica da História, que ora se processa em nosso meio, justificando um interêsse crescente pelo estudo das *fontes documentais.* Tudo isso resulta da conjugação e ocorrência de vários fatores, entre os quais (3):

— o "próprio amadurecimento da disciplina", agora dotada de "técnicas severas", científicas, de elaboração;
— o inegável desenvolvimento do nível cultural, operado no país, levando a uma nova "consciência dos problemas brasileiros";
— a criação de Faculdades de Ciências Sociais, Filosofia e Economia, bases para a "construção de Brasil moderno e eficiente, de que são expressões e agentes diretores";
— a obra dos cursos de História implantados no país, com especial destaque para a contribuição significativa do grupo da Universidade de São Paulo;
— o aparecimento de publicações, periódicas e regulares, como a *Revista de História, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Notícia Bibliográfica e Histórica, Mensário do Arquivo Nacional* etc. e sua ressonância;
— a influência de muitas instituições, altamente consideradas, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Associação Nacional dos Professôres Universitários de História (dez anos de atividades produtivas), o Ministério das Relações Exteriores e outras;
— a exigência, recentemente introduzida pela Reforma Universitária, de cursos de pós-graduação para acesso no magistério superior etc.

A pesquisa histórica vai aos poucos, então, ganhando em qualidade e crescendo em quantidade, embora enfrentando, ainda, problemas que, impedindo ou retardando sua plena expansão, contendo-a

---

(2). — *Os Encontros Brasileiros sobre Introdução ao Estudo da História* (Nova Friburgo — RJ, jul./1968 e Juiz de Fora — MG, dez./1970) e, mais recentemente, a Mesa Redonda sobre a *Pesquisa Histórica no Brasil* (XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — Curitiba — PR, jul./1971).

(3). — Sobre o assunto consulte-se o trabalho do Professor Francisco Iglésias. *A Pesquisa Histórica no Brasil,* apresentado em Mesa Redonda da XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Curitiba. PR. 5/7/1971.

mesmo, se refletem negativamente no progresso do país. Entre eles avulta o dos *arquivos* onde a História se mantém, podemos dizer, "aprisionada"!

*

2. — A SITUAÇÃO DOS ARQUIVOS BRASILEIROS.

Um ítem que se poderia resumir em uma palavra: *desoladora.* Fato, no entanto, que só consegue ser entendido em toda a sua extensão por pessoas de rara sensibilidade (para não dizer cultura e inteligência).

A grande maioria, notadamente de "administradores", traduz o vocábulo *arquivo* como *depósito de papéis velhos,* algo muito incômodo, ocupando espaço preciso que serviria, quem sabe, para abrigar um gabinete aparatoso e condizente com a importância de sua chefia. Um traste muito feio, desarrumado, que, por certo, impressionará mal um superior em visita. Coisa inútil, herança não desejada de antecessores descuidados (ou medrosos). Dissemos inútil? Nem tanto: a indústria de papel usado ainda oferece alguns trocados pelo monturo. Não será um bom negócio? Limpar um canto e lucrar um conto . . . Ainda mais: ficar livre de uns curiosos que, a título de pesquisas, fazem perguntas embaraçosas e querem ver ninhos de ratos, colônias de traças, teias de aranha e montanhas de pó. Muito conveniente será dizer: "Não temos mais documentos. Foram "expurgados" (!). E quando assim não for? Ora, para isso existem os porões, os galpões, os sótãos e os "depósitos". Arrumados? Sim, uns jogados por cima dos outros, mas deixando um caminho livre para o trânsito. Catálogos, só de telefones. E por aí vai.

Infelizmente, este é o quadro real de nossos arquivos, conservando uma História ainda por fazer, mas já bichada, queimada, inundada, roída, praticamente perdida.

E na interpretação original de muitas autoridades, até gente é "guardada" nos arquivos: por velhice, ou desequilíbrio nervoso, para resolver problema de malandragem ou por qualquer outro motivo que recomende a segregação, o "arquivamento".

Há exceções, contudo. Arquivos eficientes, limpos, organizados, controlados e prontos para servir aos seus usuários. Poucos, porém. Outros têm consciência de seu valor, da riqueza de suas peças, não descuidam dos aspectos da conservação, mas fecham as suas portas, escondem seus tesouros ou só os exibem para uns Ali-Babás privile-

giados. E tão longe vai o tempo em que Lucien Febvre pontificou: *le document n'est rien par lui-même . . .* (4).

Em apôio a tudo quanto foi dito há o expressivo testemunho das numerosas comunicações apresentadas nestes Simpósios. Já a brilhante equipe do Paraná, em seus trabalhos exaustivos e notáveis, têm denunciado o descalabro. Por certo na presente reunião outras observações do mesmo teor serão formuladas. No seu conjunto, eis os principais problemas:

— desinterêsse (por vezes total) pelos acervos;
— conservação em geral precaríssima;
— armazenamento em locais inadequados;
— falta de classificação e ordenação (fundos misturados e sem identificação;
— restauração limitada a algumas peças, requisitadas no ensejo da passagem de efeméride;
— inexistência de meios de busca;
— pessoal sem qualquer formação técnica;
— remuneração inferior atribuída aos serviços específicos;
— mentalidade pouco esclarecida sobre a importância da matéria;
— destruição indiscriminada da documentação;
— confusão entre os serviços e finalidades de centros de documentação e arquivo.

*

3. — PERSPECTIVAS EM MATÉRIA DE ARQUIVO.

Em assunto tão descurado as esperanças podem assumir uma grande dimensão, pois o mínimo que se faça já se constituirá em conquista apreciável.

3.1. — *A Revolução e os arquivos* .

Lembramo-nos, de-de logo, que na história dos arquivos as revoluções, paradoxalmente, têm se refletido vantajosamente.

Assim foi com a Revolução Francesa instituindo os famosos *Archives Nationales* (7-9-1790), logo sob a direção de um *archiviste*

---

(4). — Febvre (Lucien), *Les Archives et l'Histoire de la Civilisation, in* "Archives" (número especial de "L'Education Nationale") — Paris — sem data — pág. 39.

de la République (Camus, advogado e deputado), e realizando tarefas de alta significação (5).

Também a Revolução Russa de 1917 dotou o país de um notável organização de arquivos, seguindo o exemplo da França mas procurando evitar os erros então cometidos (6).

Nos Estados Unidos da América do Norte, após a grande crise de 1929, foi criado o *National Archives,* implantando um sistema tão eficiente de arquivos que, logo ao término da Segunda Guerra Mundial, pôde ser dito:

> "Os arquivos não ganharam a guerra, mas sem os arquivos a guerra não seria ganha".

Como a História é, além de tudo, uma grande mestra, esperamos que a Revolução em curso no Brasil também venha, afinal, modificar o panorama neste particular. Inclusive porque se trata, no caso, de matéria de significativo alcance cultural e área de manifesta prioridade do Govêrno. Consideramos, ainda, a presença, em destacados postos da administração pública, de intelectuais autênticos, com sólida formação universitária e assinalados serviços prestados às nossas artes, letras e ciências, dentre os quais mencionamos — justamente por ser um emérito historiador — o Dr. Arthur Cezar Ferreira Reis.

3.2. — *A atuação do Arquivo Nacional.*

Instituição de cúpula, nosso principal estabelecimento de arquivo apresenta em sua existência fases de grande representatividade e períodos de marcada estagnação. Presentemente encontra-se na sua direção um administrador de ampla visão que vem desenvolvendo esforços para influir positivamente no terreno dos arquivos brasileiros. Tem se mantido vigilante no sentido de obstar a eliminação indiscriminada de documentos em qualquer parte do território, está sempre atento e prestigiando iniciativas válidas, iniciou e mantém a publicação de um despretencioso mas útilíssimo veículo de informação ("Mensário do Arquivo Nacional"), estabeleceu contato com Universidades (cursos em convênio) e entidades internacionais, aceita e estuda com

(5). — Favier (Jean), *Les Archives in* "L'Histoire et ses méthodes" — Bruges. Imprimerie Sainte Catherine. 1961, pág. 1.133 (Encyclopédie de la Pléiade).

(6). — Bautier (Robert-Henri), *Les Archives in* "L'*Histoire et ses méthodes.* Bruges. Imprimerie Sainte Catherine. 1961, pág. 1.133. (Encyclopédie de la Pléiade).

atenção todas as sugestões que lhe possam ser formuladas e procura, por fim, com insistência, cumprir os dois objetivos essenciais do órgão: atender a administração e servir a História. Contudo, por defeito de nossa estrutura, que subordina o Arquivo Nacional ao Ministério da Justiça, sua esfera de ação é cerceada, tanto no que se refere às relações com os demais serviços públicos federais quanto com os arquivos estaduais, estes completamente desvinculados nas suas diretrizes, mesmo naquelas de caráter histórico, de uma orientação homogênea e nacional. Apenas por habilidade e com muito de inspiradas relações humanas consegue, o Arquivo Nacional, alguma coisa neste particular.

3.3. — *As Associações e o problema da conscientização.*

3.3.1. — *Associação Nacional dos Professôres Universitários de História.*

O papel da A.N.P.U.H. no revisionismo histórico e seus reflexos nos arquivos já foi apreciado no ítem 1.2. Ela,

> "desde o início de suas atividades, no I Simpósio de Marília, em 1961, tem chamado insistentemente a atenção dos pesquisadores nacionais para a necessidade urgente do levantamento das fontes históricas, existentes no país, inserindo como tema obrigatório, em todos os Simpósios já realizados, aquele relativo às fontes (7).

Este movimento de larga e crescente repercussão, desperta concomitantemente, a atenção e a simpatia para os nossos arquivos, repositórios das fontes primárias e inéditas de nossa História.

3.3.2. — *Associação de Pesquisa Histórica e Arquivística.*

A "A.P.H.A.", nascida da boa vontade e interêsse de um grupo que frequenta o Arquivo Nacional, reune historiadores, arquivistas e amigos da pesquisa num amplo programa de caráter cultural. Sediada presentemente no próprio Arquivo Nacional (Praça da República n.º 26 — Centro — ZC-14 — 20000 — Rio de Janeiro — Estado da Guanabara), já realizou um curso intensivo de pesquisa histórica, no mês de julho p.p., com expressivo número de alunos procedentes de vários Estados. Espera-se, em futuro próximo, uma atuação intensa na área da arquivística.

---

(7). — *Arquivos Paranaenses.* Boletim n.o 9 da Universidade Federal do Paraná. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Departamento de História. Curitiba. 1969, pág. 5 e seguintes.

3.3.3. — *Associação dos Arquivistas Brasileiros.*

Ora em fase de organização, a "A.A.B." terá como finalidades congregar todos os profissionais da especialidade, dignificar e ressaltar a importância dos serviços de arquivo, zelar pela conservação dos acervos e difusão das técnicas apropriadas, promover encontros sobre a matéria, defender a formação de pessoal habilitado, incentivar a elaboração e publicação de meios de busca e instrumentos de trabalho nos arquivos brasileiros e se esforçar pela organização de um sistema nacional de arquivos. Se os arquivistas contarem com o apôio de todos os professôres e pesquisadores em História por certo que outras serão, em breve, as condições de trabalho em arquivos, com vantagens evidentes para a salvaguarda e conhecimento de nosso patrimônio cultural.

3.4. — *As tentativas de formação de pessoal habilitado.*

A formação técnica e profissional do pessoal de arquivos deve merecer o interêsse cuidadoso de nossas autoridades. Pode-se avaliar perfeitamente a inconveniência do despreparo e da improvisação de funcionários para o exercício de tais funções. Em outros países esse aspecto não é descuidado e os cursos de arquivistas, em nível superior de ensino, contribuem para a preservação racional das suas fontes históricas assim como para o desenvolvimento material.

Relacionamos, a seguir, alguns importantes centros de estudo que, comparados com a situação brasileira, acentuam a nossa deficiência:

França: École des Chartes, talvez a mais famosa em sua especialidade, no mundo.

Alemanha: Institut für Oesterreichische Geschichtsforschung, Archivschule (Marburgo), *Institut für Archivwissenschaft* (em Potsdam) e outra em Munich.

Itália: Scuola speciale per gli archivisti e bibliotecari (Universidade de Roma), além das escolas para arquivista em funcionamento nas Universidades de Milão, Pavia, Bolonha e Nápoles. Nos arquivos do Estado, sediados em Cagliari, Ferrara, Florença, Gênova, Módena, Palermo, Parma, Turim e Veneza, também funcionam cursos de preparação de pessoal para arquivos. Lembre-se, ainda, a *Scuola Vaticana di Paleografia e Diplomatica,* que mantém um bem considerado curso de arquivística.

Inglaterra: Universidades de Londres e de Liverpool.

Estados Unidos da América do Norte: Cursos de formação, em níveis diversos, em Washington, Raleigh (North Carolina), Denver (Colorado) e Madison (Wisconsin).

Espanha: Cursos para a formação técnica de arquivistas, bibliotecários e arqueólogos (promovidos pela Direção Geral de Arquivos e Bibliotecas).

México: Escuela Nacional de Bibliotecarios e Arquivistas.

Venezuela: Escuela de Biblioteconomia y Archivos (Universidad Central de Venezuela).

Colombia: Escola Interamericana de Bibliotecologia (Universidade de Antioquia — Medelin).

Argentina: Escola de Arquivistas da Universidade Nacional de Córdoba (8).

No Brasil, o único curso regular, até bem pouco tempo, era o ministrado pelo Arquivo Nacional onde, além de matérias técnicas (Organização e Administração de Arquivos, Técnica de Arquivos) se leciona também: Paleografia, Diplomática, Genealogia, Heráldica, Administração Pública e História do Brasil. Além desse, funcionavam outros por interêsses empresariais, uns mais constantes e outros eventuais (IDORT — São Paulo, Pontifícia Universidade Católica e Fundação Getúlio Vargas — Guanabara etc.).

Recentemente (Universidade Federal Fluminense — 1967 e Universidade Federal de Minas Gerais — 1970) foi criada a disciplina em nível superior, no currículo do curso de biblioteconomia (arquivos correntes). Na U.F.F. está prevista, também, a inclusão da matéria no currículo de História (arquivos históricos).

Cuida-se, finalmente, de implantar um Curso Superior de Arquivo. O assunto acha-se em tramitação no Conselho Federal de Educação e prestes a ser relatado. Se a iniciativa vingar o Brasil terá dado um importante passo para a solução do grave problema de conservação do seu patrimonio documental.

3.5. — *Outras considerações: a microfilmagem de arquivos.*

Hoje em dia a microfilmagem surge como a palavra mágica que solucionaria todas as questões relacionadas com os arquivos, princi-

---

(8). — Tanodi (Aurélio), *Manual de Archivilogia Hispanoamericana. Teorias y principios.* Córdoba (República Argentina). Dirección General de Publicidad de la Universidad Nacional de Córdoba. 1961, pág. 230 e seguintes.

palmente no que diz respeito a economia de espaço. Conquanto sua utilização apresente inegáveis vantagens em alguns aspectos *(complementação* de coleções e *segurança,* poupando o original de manuseio excessivo) não autoriza, porém, a destruição de documentos históricos, expressamente vedada em lei (artigo 15 do Decreto n.º 64.398, de 24 de maio de 1969.

Para terminar, desejamos com todo o ardor que não se aplique a este campo o difundido *slogan,* a patriótica divisa que marcou a Semana da Pátria em 1971 — isto é, que em matéria de arquivos o Brasil de ontem e de hoje *não seja* o Brasil de sempre . . .

*

* *

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Paulo Pereira de Castro* (FFLCH/USP. São Paulo).

Declara que deseja ouvir o Autor sobre a seguinte questão:

Em alguns arquivos brasileiros, maços documentais têm sido desmembrados para uma *classificação* dos documentos. Isto implica a destruição do contexto documental e a obliteração das suas relações com as fontes de expedição e, com isso, uma redução considerável do alcance documental de cada papel. A catalogação não deve ser acompanhada do desmembramento dos maços, pois estes constituem documentos pelo seu próprio conjunto, além do valor documental isolado de cada peça. Só para efeito de publicação é que cabe selecionar e reordenar um contexto documental, mas os originais devem ser mantidos em seus contextos.

*

Da Prof.ª *Myrtes da Silva Ferreira* (do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. Guanabara).

Deseja esclarecer que, além das atividades nominais concernentes a um órgão arquivístico — conservar, classificar, promover a pesquisa e divulgação do seu acervo — mantém o Arquivo Nacional, através de sua seção de Cursos, um verdadeiro centro de preparo e aperfeiçoamento de pessoal para as tarefas dos Arquivos, ministrando cursos que se realizam em suas próprias dependências. Assim, tem o Arquivo Nacional:

1). — Curso Permanente de Arquivo — com duração de dois anos e de cujo currículo constam as seguintes matérias: Diplomática,

Genealogia, Heráldica, História do Brasil, Notariado, Organização da Administração Brasileira, Organização e Administração de Arquivos, Técnica de Arquivos e Paleografia.

2). — Cursos avulsos de Técnica de Arquivo — com a duração de quatro meses.

Presentemente é superior a 200 o número de alunos que frequentam os referidos cursos e é muito significativo o fato do Arquivo ter iniciado neste ano de 1971 o seu III Curso de Técnica de Arquivo.

Paralelamente ao desenvolvimento do conhecimento da Arquivística, preocupa-se o Arquivo Nacional também com a difusão e aceitação, no meio estudantil, da pesquisa documental como elemento básico para um perfeito elucidamento da História do Brasil.

Como incentivo a essa necessidade de articulação entre a já citada Repartição e as Universidades — praticamente inexistente — foi instituido um premio (no valor de 2.000 cruzeiros) a ser disputado exclusivamente por alunos do curso de História que apresentassem trabalhos relacionados com vultos ou acontecimentos ligados à Independência brasileira. Como condição obrigatória exigia-se do candidato, na apresentação do trabalho, determinado percentual de documentos inéditos, cujo fichamento seria remunerado em separado.

Apesar da propaganda feita em tôrno de tal iniciativa, apenas 9 estudantes se inscreveram e *um* apenas apresentou interessante estudo sobre a influência das Câmaras Municipais no processamento da Independência Nacional.

Esta informação tem como objetivo chamar a atenção dos Professôres de História, ora reunidos neste Simpósio, para essa problemática e reiterar a necessidade de maior entrosamento entre as entidades culturais e a classe estudantil.

Obedecendo a Convênio estabelecido com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em julho próximo passado foi realizado o Curso de Técnicas de Pesquisa Histórica, coordenado pela Prof.ª Antonietta Aguiar Nunes, ministrado pelo Arquivo Nacional com a colaboração de outras repartições congêneres, assunto que será objeto de Comunicação da referida Professôra, razão pela qual deixa de entrar em maiores detalhes.

Terminando, disse que valia a pena salientar como primeira experiência coroada de êxito, com resultados positivos, satisfatórios pa-

ra ambas as partes, no relacionamento: Arquivo Nacional-Universidades.

*

Prof. *Hilário Rosa* (FFLC/Jahu e Bauru. São Paulo).

1). — Pergunta: o recente Decreto Federal, proibindo a saída do território nacional de qualquer forma de peça documental de nossa História, vem sendo aplicado?

2). — O que o Autor poderia dizer sobre o interêsse que determinadas Universidades estrangeiras demonstram em adquirir nossos acervos?

3). — O péssimo e deplorável estado em que se encontram os nossos Arquivos não resulta de um péssimo consenso que têm as Autoridades e o povo pela História?

4). — Em face das novas perspectivas educacionais do país, com a necessária valorização das áreas de estudos técnicos, e o relativo esvaziamento das áreas de Humanidades, inclusive com o propalado boato do desaparecimento do ensino da História nos cursos de grau médio, substituído pelo de Ciências Sociais, a conceituação dos Arquivos não poderia piorar?

*

Do Prof. *Odilon Nogueira de Matos* (FFLC/UCC. Campinas. São Paulo).

Declara que sobre a necessidade imperiosa da criação de cursos de arquivistas, os Simpósios anteriores sempre se manifestaram a favor dessa idéia. Mas, até agora, nada se pôde fazer. Por isso mesmo apresenta congratulações ao Autor da Comunicação por ter levantado o assunto em têrmos mais concretos e com perspectivas mais amplas. Será uma experiência que Campinas pretende fazer.

*

Do Prof. *Romeu Stival* (FFLC/Paranaguá. Paraná).

Declara que em certos Arquivos há vantagem em microfilmá-los para o efeito de conservá-los, principalmente as fontes históricas, notadamente os do litoral, em função da umidade ambiente e o ataque por pragas próprias da região.

Indaga: qual seria a melhor forma de conservá-los?

*

* *

RESPOSTAS DO PROFESSOR JOSÉ PEDRO ESPOSEL.

Inicialmente o Autor agradeceu as palavras amáveis que recebeu dos interpelantes.

Ao Prof. *Paulo Pereira de Castro.*

Diz que o interpelante foi muito feliz em levantar um sério problema decorrente, por certo, da falta de informação do pessoal improvisado em arquivista e que se ressente de um preparo especializado para o desempenho criterioso de suas funções.

Sempre se deve observar, com toda a atenção, a reunião de papéis encontrados em um Arquivo, seja constituindo um maço, um amarrado, um pacote, um volume etc. Algum critério presidiu àquela ordenação e o seu desmembramento pode determinar a perda de importantes elementos de identificação e informação. A metodologia arquivística já estabeleceu alguns princípios sobre o assunto, merecendo especial referência o que recomenda a respeito da ordem original imposta à documentação e o que proibe a mistura de material procedente de fontes diversas. Por outro lado, se deve agir, no caso, com o mesmo cuidado, por exemplo, de um arqueólogo ao efetuar a descoberta de uma peça antiga em sua escavação. Antes de retirá-la ele providencia fotografias e desenhos do local, efetua rigoroso exame nas proximidades e só então recolhe o achado, sempre atento a quaisquer circunstâncias, pois todas, em potencial encerram uma notícia, possuem uma significação.

Por outro lado, um conjunto de papéis de arquivo revela certas relações orgânicas de formação que não podem ser desfeitas, os documentos são explicados uns pelos outros e somente assim será possível a completa interpretação do conjunto.

*

À Prof.ª *Myrthes da Silva Ferreira.*

A presença da interpelante neste Simpósio já demonstra cabalmente que o Arquivo Nacional se mostra sensível às iniciativas de cunho cultural, notadamente no campo da História.

Aliás, hoje em dia, os Arquivos deixaram de ser entidades passivas à espera de pesquisadores que os procurassem, para se tornarem em ativos e dinâmicos centros de informação e irradiação cultural.

Podem até mesmo sugerir, aos pesquisadores, temas de relevante interêsse para a elaboração de teses, monografias etc.

*

Ao Prof. *Hilário Rosa.*

Diz que as perguntas do interpelante enfocam questões da mais alta signifacção.

Relativamente à primeira, cabe dizer que o Decreto veio disciplinar uma situação que, pelo seu vulto, representava um rude golpe em nosso patrimônio cultural. Bibliotecas do mais alto valor e preciosos acervos arquivais eram adquiridos por estrangeiros e exportados livremente. É claro que a lei foi inspirada por motivos patrióticos e acredita que esteja sendo aplicada, sugerindo, apenas, que o seja com o máximo rigor para que resulte realmente eficaz.

Quanto à segunda pergunta, embora não possam as Universidades de outros países, por lei, adquirir nossos acervos, é realmente expressivo o número crescente de pesquisadores que, a cada dia, vasculham os nossos Arquivos a tal ponto que, dentro em breve, a História do Brasil será feita por estrangeiros.

Quanto à terceira indagação afirma que o descaso em tôrno da História se reflete em matéria de Arquivos. Representa, aliás, esta mentalidade uma séria ameaça ao nosso desenvolvimento, porque a História, quando lecionada racionalmente é um dos recursos mais válidos na tarefa educacional e elemento estimulador do patriotismo e senso cívico.

À quarta pergunta diz acreditar que não sofram os Arquivos com tal tendência, pois eles colaboram e enriquecem todas as disciplinas, inclusive e principalmente as sociais. Os arquivos devem servir indiscriminadamente ao pensamento científico, embora encontre por parte da História a maior solicitação.

*

Ao Prof. *Odilon Nogueira de Matos.*

Afirma que foi com muita satisfação que o Autor soube do interêsse da Universidade Católica de Campinas em implantar um Curso Superior de Arquivística. Sugere, apenas, que ele reflita as mais atualizadas corrente metodológicas e, portanto, o seu currículo, a sua organização deva ser cuidadosamente preparada para que venha a contribuir, como tem certeza, o fará e, muito brilhantemente, e de forma pioneira em nosso país.

Muito embora a História seja uma ciência voltada para o passado, deve-se pensar em seu próprio futuro e procurar facilitar os problemas dos historiadores que nos sucederão.

*

Ao Prof. *Romeu Stival.*

Declara que a microfilmagem de segurança é uma solução aplicada em todo o mundo. Não que a sua realização autorize uma atitude de omissão para com os aspectos de conservação do material e se venha a perdê-lo. Afinal a microfilmagem não permite a destruição do documento histórico.

No caso do interpelante, como ele é oriundo de uma cidade do litoral e de elevado grau de umidade, propícia, portanto, à proliferação de micro-organismos e insetos novicos, seria de bom alvitre a de infecção das peças infectadas e a instalações apropriadas com contrôle de temperatura. Entenda-se também que a melhor forma de conservação é a preservação.

Há toda uma vasta bibliografia sobre o assunto e pesquisas regulares estão sendo realizadas para evitar os inconvenientes e os prejuízos que decorrem da conservação deficiente.